

DO LIXÃO NASCE FLOR, ENTRE O CINEMA DE QUEBRADA E “O RAP DA VILA RIO”

Daniel Neves de Andrade¹

RESUMO

Nos documentos oficiais, monumentos, livros didáticos, feriados e celebrações cívicas estão presentes os protagonistas da História, seja de uma cidade, de um país, de um continente ou de toda uma época. Mas onde está o registro daqueles anônimos, invisíveis e aparentemente sem importância, como nos disse Bertolt Brecht (1986), que construíram a muralha da China, as pirâmides do Egito, as conquistas dignas de serem lembradas e admiradas coletivamente? A partir da obra de Walter Benjamin e do cinema periférico, isto é, do cinema realizado na periferia do capitalismo, este projeto busca investigar e reconstituir parte da memória dos oprimidos a partir de suas próprias narrativas, imagens e lugares de origem. Segundo Benjamin, o historiador materialista deve fazer um trabalho arqueológico com o ocorrido, juntar os cacos e lembrar os mortos para reconhecê-los e redimi-los. No Brasil do século XXI, impulsionados por mudanças sociais e tecnológicas, cineastas moradores de regiões periféricas têm realizado filmes não apenas sobre, mas principalmente nas próprias comunidades onde vivem e atuam. Muitos desses filmes abordam a cultura Hip-Hop, refletindo a memória dela na construção de uma contra-história.

Palavra-chave: Cinema de Quebrada; Hip Hop; Walter Benjamin.

FLOWERS ARE BORN FROM TRASH: BETWEEN CINEMA DE QUEBRADA ANDA “O RAP DA VILA RIO”

Abstract: In official documents, monuments, textbooks, holidays and civic celebrations, the protagonists of History are present, whether from a city, a country, a continent or an entire era. But where is the record of those anonymous, invisible and apparently unimportant, as Bertolt Brecht (1986) told us, who built the Chinese wall, the pyramids of Egypt, the achievements worthy of being remembered and admired collectively? Based on the work of Walter Benjamin and peripheral cinema, that is, cinema made on the periphery of capitalism, this project seeks to investigate and reconstitute part of the memory of the oppressed based on their own narratives, images and places of origin. According to Benjamin, the materialist historian must do archaeological work with what happened, pick up the pieces and remember

¹ Um dos fundadores do Coletivo de Cinema Companhia Bueiro Aberto e da Editora Letras do Subsolo, é formado em Filosofia e mestre em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atualmente, cursa o doutorado em Filosofia na Universidade Federal do ABC (UFABC), com a pesquisa “Walter Benjamin e o cinema de quebrada”. É bolsista da International Marcuse Society, onde desenvolve estudo sobre Herbert Marcuse em diálogo com as vivências dos povos indígenas brasileiros.

the dead to recognize and redeem them. In Brazil in the 21st century, driven by social and technological changes, filmmakers living in peripheral regions have made films not only about, but mainly in the communities where they live and work. Many of these films address Hip-Hop culture, reflecting its memory in the construction of a counter-story.

Palavra-chave: Cinema de Quebrada; Hip-Hop; Walter Benjamin.

Estamos tomando de assalto a academia. Nós, filhos da classe trabalhadora, estamos pesquisando, estamos sendo sujeitos, não apenas objetos. A gente quer pesquisar tudo, não há fronteiras. Mas eu senti uma necessidade de falar dos meus, da minha quebrada. Depois que li *A queda do céu*, de Davy Kopenawa e Bruce Albert (2015), descobri um livro no qual o indígena, embora mediado pelo antropólogo, fala de si mesmo. Afinal, nós queremos colocar nossas ideias na academia, transformá-la, mas também queremos aprender com ela, buscar referências bibliográficas e o rigor conceitual. Em 2021, defendi minha dissertação de mestrado em história da Arte na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Sob o título *Cinema Novo e Cinema de Quebrada, a experiência da Companhia Bueiro Aberto*, fiz uma pesquisa acerca do meu coletivo em um debate com o histórico movimento do Cinema Novo, que tanto filmou o povo brasileiro nos anos 1960 e que sempre nos foi uma referência.

Agora, no doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do ABC (UFABC), decidi abordar a memória periférica, contar uma história que foi apagada. Para tanto, faço um diálogo com as teses apresentadas em *Sobre o conceito de história*, de Walter Benjamin (1994). Mas o meu trabalho de pesquisa não é apenas textual, sou cineasta, filmo a memória da minha quebrada. E foi durante os estudos de Walter Benjamin e do Cinema de Quebrada, um cinema feito nas periferias, que produzi o filme *O Rap da Vila Rio*, uma obra sobre o RAP no meu bairro. Além de entrevistas, encontrei um imenso material de arquivo guardado com os manos. Em um processo de sentir e refletir a filosofia de Walter Benjamin, tocado pela história subterrânea, anônima, filme e pesquisa se cruzaram. O texto que segue é parte de um estudo dentro da minha tese, um estudo que gerou uma obra de arte, uma

arte que alimenta a pesquisa; é a criação de textos e a criação de filme. Portanto, escrevo aqui sobre mim, sobre meu processo, sobre meus parceiros, sobre minha trajetória e sobre minha pesquisa. Não hesito em usar o pronome eu, estou totalmente imerso naquilo que estudo, sou sujeito e objeto ao mesmo tempo.

Na tese VII de *Sobre o conceito de história*, Walter Benjamin escreve o seguinte:

Fustel de Coulanges recomenda ao historiador interessado em ressuscitar uma época que esqueça tudo que sabe sobre fases posteriores da história. Impossível caracterizar melhor o método com o qual rompeu o materialismo histórico. Esse método é o da empatia. Sua origem é a inércia do coração, a acedia, que desespera de apropriar-se da verdadeira imagem histórica, em seu relampejar fugaz. para os teólogos medievais, a acedia era o primeiro fundamento da tristeza. Flaubert, que a conhecia, escreveu: "Peu de gens devineront combien il a fallu être triste pour ressusciter Carthage". A natureza dessa tristeza se tornará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia, sempre, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente aos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (Benjamin, 1994, p. 225).

Segundo Michael Löwy, Benjamin se contrapõe a Fustel de Coulanges, historiador positivista francês do século XIX, continuando um ataque que também faz ao historicismo alemão:

O passado pode ser compreendido somente à luz do presente, sua imagem verdadeira é célere e furtiva - "lampeja". Mas Benjamin introduz, aqui, um conceito novo: a *Einfühlung*, cujo equivalente mais próximo seria a empatia, mas que ele próprio traduzira por "identificação afetiva". Ele acusa o historicismo de identificação com os vencedores" (Löwy, 2005, p. 71).

Existe um ponto de vista na história, mas tal ponto de vista não se trata apenas de uma tomada racional de posição, é uma identificação afetiva e moral por meio da acedia melancólica. O historiador positivista tem essa identificação com os valores dos vencedores, com a moralidade da vitória e do sucesso, com os feitos dos poderosos, como se estes fossem necessários e naturais. Ele exalta o cortejo dos opressores.

Identificado com os que tombaram, solidários aos que caíram na caminhada do progresso da civilização, o historiador materialista escova a história a contrapelo, do avesso, recusa o cortejo triunfal, sente os lampejos das sublevações que interromperam a marcha do progresso. Ele percebe que os grandes monumentos foram construídos com base na escravidão e no sofrimento dos anônimos, e ele sofre junto. Assim como o poema de Brecht (1986), ele exalta os trabalhadores que ergueram a muralha da China, não seus idealizadores. “O historiador materialista precisa tomar distância dessa identificação afetiva com os vencedores e realizar a crítica da cultura, pois os bens culturais estão manchados de sangue” (Schlesener 2011, p. 75).

Mas é importante lembrar, como afirma Gagnebin (2018), que há uma proposta metodológica, um desvio que o historiador materialista faz para escovar a história a contrapelo. É um desvio não só da história universal, mas de seu processo de transmissão, dos meios pelos quais a história chega até nós: pelos monumentos, feriados, livros, arquivos e imagens oficiais:

O historiador burguês não questiona nem sua posição, nem a maneira como a história nos foi contada e transmitida, e ainda menos a maneira como ela se realizou. O autor historicista, para Benjamin, se identifica sempre com o vencedor, na medida em que, pela “força das coisas”, é sobre este que existe o maior número de testemunhos e documentos” (Gagnebin, 2018, p. 65 - 66).

Ele se baseia no sucesso como prova de validade histórica, como prova da necessidade e da universalidade. Já o historiador materialista tem de buscar outras fontes, bem como outra maneira de conceber o tempo: “escrever a história dos vencidos exige a aquisição de uma memória que não consta nos livros da história oficial” (GAGNEBIN, 2018, p. 67).

Vivemos um memoricídio planejado, diz Seligmann- Silva, sobre a situação da memória brasileira no século XXI: “O caso do Brasil é

paradigmático: país com uma das piores divisões sociais da riqueza no mundo, é também um campeão em termos de violência estatal e paraestatal, assim como em termos do apagamento das histórias e narrativas dessas violências" (Seligmann-Silva 2019, p. 21). Basta percorrer as ruas brasileiras, seus nomes, observar as estátuas, os monumentos, os feriados, os livros oficiais para notarmos de quem lembramos e o que lembramos, para notarmos como olhamos para a história e como isso impacta o presente. De uma maneira geral, a história do Brasil ainda é contada pela ótica dos vencedores, da classe dominante responsável por um passado fundado na escravização, no genocídio de povos originários e na desigualdade social. Por trás de toda simbologia histórica, há a promessa: o Brasil é o país do futuro.

Há cerca de 10 anos, quando começamos a pensar em fazer cinema, refletimos sobre um nome, nasceu a *Companhia Bueiro Aberto*. Por que esse nome? Esta pergunta nos foi feita várias vezes. Lembro que meu irmão, Ton Neves, um mestre que nos ensinou a editar e fotografar, disse para mim: "Mano, esse nome é muito underground, talvez não esteja de acordo com a proposta de vocês, é distante do povo". De certa forma, eu concordo com Ton. Sempre que falo o nome do nosso coletivo vem a mesma pergunta. Se pensarmos de maneira direta, o bueiro é o lugar onde está toda a sujeira da sociedade. Então, estamos fazendo filme sobre a sujeira?

A resposta é sim e não. Bueiro Aberto é uma metáfora. Primeiro, quando pensávamos no cinema, queríamos nos contrapor ao cinema comercial, considerado por nós como superficial, cheio de efeitos, entorpecedor e de grandes orçamentos. Ao contrário, com referência no Cinema Novo e no Cinema Marginal, nosso cinema é sujo, câmera na mão, histórias suburbanas, ideia na cabeça, sem recursos, contrapondo ao cinema da indústria, uma estética suja porque a estética limpa está de acordo com a sociedade capitalista, queríamos provocar. Em segundo lugar, como moradores de bairros periféricos, queríamos dizer que nesse lugar em que vivemos, lugar considerado sujo pela elite, lugar onde se vê o córrego a céu aberto, nasce uma flor. Tanto é assim que nosso primeiro filme se chama *Uma flor nasceu no*

esgoto (direção coletiva, 2014). Do submundo urbano, a gente retira nossa poética, nossas histórias, e nosso grito de indignação.

Claro que de lá para cá muita coisa mudou na nossa percepção. Aliás, posso dizer que nosso coletivo tem diferentes cabeças com pensamentos diversos. Temos uma unidade, debatemos filmes e ideias, mas temos a liberdade de pensar conforme a subjetividade de cada um. Para mim, um elemento fundamental no nome Companhia Bueiro Aberto tem a ver com a “arqueologia do anonimato”. Acredito que nosso cinema trabalha muito a ideia de história e memória da classe trabalhadora, sobretudo de sua cultura.

Minha tese de doutorado faz uma relação entre o cinema de quebrada e o filósofo Walter Benjamin. Segundo Benjamin, nas suas *Teses sobre o conceito de história*, existe uma história oficial, a história dos vencedores, da classe dominante: que está nos feriados, monumentos, nomes de ruas, livros... Ela conta sobre os grandes personagens e apaga a memória dos que ele chama de vencidos, os trabalhadores (Benjamin, 1994). Afinal, como disse o dramaturgo Bertold Brecht², a história só vai lembrar dos engenheiros e Faraós que fizeram, por exemplo, as pirâmides do Egito, não dos escravos que trabalhavam arduamente.

Da mesma maneira, podemos perguntar: quem construiu as grandes cidades brasileiras? Que faz as cidades funcionarem? Quem ergueu Guarulhos? Não são os grandes nomes, não são as celebridades, são as pessoas anônimas, “simples”, que todos os dias dedicam seu suor para que este mundo funcione. O tempo passa e tais pessoas não são lembradas, muito menos valorizadas. Será que o seu vizinho daria um filme? Será que seu bairro daria um filme? Será que você daria um filme? Acreditamos que sim, e pretendemos contar justamente essas histórias.

No texto *O narrador*, Walter Benjamin afirmou que a humanidade estava perdendo o hábito de contar histórias, isso lá pelos anos 1930 (Benjamin, 1994). Ao ler esse texto, lembrei-me de quantas vezes ficamos a madrugada toda na calçada contando e ouvindo histórias, de quantas vezes nos sentamos na sala de casa para ouvir nossos avôs. Mano, que época da

² Poema denominado “Perguntas de um trabalhador que lê”.

hora! Parece que perdemos um pouco esse hábito, parece que a tecnologia nos enclausurou dentro de casa, parece que perdemos a paciência de escutar. Tenho a impressão de que a figura popular do contador de estórias orais está acabando. Essas reflexões passam pela minha cabeça e acho que estou tentando retomar esse passado nos filmes que faço, sentar-me ali com a senhora, os manos, ligar a câmara, ouvir estórias e depois montar tudo. Tenho certeza de que precisamos escutar mais.

Porém, esse é um papo de quem está ficando velho, aquela velha frase: “na minha época era melhor”. O mundo mudou. O passado é da hora, mas ele só existe no presente, como afirma Benjamin (1994), contamos estórias agora, nesse momento³. Certa vez, ouvi de um mano indígena: “Antigamente, quando um ancião morria na aldeia, era como se fechasse um livro. Agora, com essa tecnologia, a gente grava e o livro continua aberto, a gente mantém nossa cultura” (fala de Pedro Pankararé no filme *Imagens Indígenas*, de 2022). E olha só, agora estamos contando estórias da quebrada, estórias escondidas, por meio da tecnologia, do cinema.

O RAP também fez isso através da música. Ligávamos o rádio e ouvíamos a música *Homem na estrada*, de “Racionais MCs”. Os anos se passaram, abrimos o Youtube e ouvimos “Lyon Autoestima”, MC Regra”, “A visão de João Rap”, “BML”⁴ e tantos outros manos e minas da quebrada, um Rap que também é nossa memória. Estamos aqui para lembrar dos esquecidos.

Porém, nunca me achei porta-voz da quebrada. Todo filme que faço é um recorte e um ponto de vista. Falo dos esquecidos, mas não represento ninguém. Existem várias quebradas, várias subjetividades, vários olhares, várias estéticas. O RAP também é assim, muda, se transforma, tem vários estilos, está vivo, estamos vivos e em movimento.

³ Diz Benjamin: “A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (Benjamin, 1994, p. 224).

⁴ O trabalho de todos esses MCs pode ser conferido no canal do Grupo Autoestima, que eles construíram durante dez anos e que aparece na base do filme “O Rap da vila rio”.

Contar nossas histórias nem sempre é fácil, pois existem memórias traumáticas. No RAP mesmo, ouvimos músicas que contam chacinas e assassinatos, por exemplo. Tem hora que os manos e minas não querem cantar isso, tem hora que nós não queremos filmar isso. Afinal, nosso passado não é só de fracasso. A gente tem coisa bonita para falar, nossas lutas para sobreviver, nossos amores e nossa cultura. Também temos nossa paz, ainda que o sistema nos imponha a guerra. O Grupo "Autoestima", que é retratado no filme *O Rap da Vila Rio*, trouxe muito essa ideia. A gente tem que se amar porque: "tudo, tudo vai, tudo é fase, irmão, logo mais vamu rebentar no mundão" (trecho da música "Vida Loka", de Racionais MCs). Já disse o poeta Sérgio Vaz (2012), "nosso povo é lindo e inteligente"⁵.

Mas, quando necessário, vamos nos lembrar também dos problemas, da violência policial, do descaso do Estado, da opressão da burguesia, da falta de saúde e de educação. Precisamos denunciar as patifarias do sistema. Essa ideia a gente não perde.

Então, contar as histórias que não estão na mídia e nos grandes monumentos é essa contradição, é tipo a quebrada, cheia de esquinas, vielas, tijolos e madeiras, caminhos que vão e vêm. É você amar e odiar seu bairro porque a gente vive na precariedade ao mesmo tempo que estamos em casa, tipo o passarinho no ninho. Gostamos da nossa quebrada, temos orgulho. E nessa variação de sentimentos, entre a vitória e a derrota, no Rap ou no cinema, vamos contando as histórias escondidas, aquelas que para a gente tem mais valor. Como diz Lyon Autoestima no filme *O Rap da Vila Rio*: "o diamante não vem da lama? Do lixão não nasce flor? Por que um coração não pode voltar a ter amor?".

Quando a gente começa a fazer cinema de quebrada, uma das nossas principais referências é o RAP. Na nossa geração dos anos 1990, o RAP surgiu como uma música peculiar, falava gíria - "gíria não, dialeto", Negro Drama, 2002 -, usava uma linguagem que era próxima de nós e conseguia se comunicar com o gueto.

⁵ Fala retirada do trailer do filme "Povo lindo, povo inteligente", direção de Sérgio Gag e Mauricio Falcão.

O RAP sempre foi mais que uma música, é uma cultura, uma atitude, uma forma de pensar, um grito contra o sistema. Era impressionante que ele furava a bolha da grande mídia. Eu cresci ouvindo RAP nos rádios da quebrada, mas, principalmente, cresci ouvindo nas ruas, praças, vielas e esquinas do meu bairro. Eu observava MCs fazendo freestyle, compondo sons em cadernos velhos, elaborando beats no violão, na percussão e na boca. Aquilo ali sempre foi um aprendizado.

Enquanto cineasta, escritor, pesquisador e professor de Filosofia, foi o RAP um dos principais responsáveis pelo caminho que trilhei. Devo muito aos manos e minas do meu bairro, Vila Rio, cidade de Guarulhos, SP. Quando a gente pega a câmera na mão e olha para a quebrada, é tipo um MC fazendo freestyle, improvisando, criando na hora, percebendo o momento e o que acontece ao redor. Quando a gente junta as imagens do bairro na edição, é tipo o DJ construindo os beats e ritmos. Quando a gente escreve o roteiro e pensa nas cenas, é tipo um rapper criando sua letra e estória. Quando a gente se reúne e troca uma ideia sobre um filme, é tipo os manos e minas do RAP reunidos, debatendo as ideias de arte e vida, de amizade e coletividade. O mesmo ocorre quando a gente tem conflitos, quando a gente discute e quando a gente tem dúvidas sobre o futuro. Fizemos clipes com os parceiros do Rap, com eles participando do processo de produção, propondo ideias e planos. Outras vezes, as músicas de RAP viraram trilhas sonoras dos nossos filmes.

Nessa caminhada de fazer filmes nos bairros, sempre pensei – “tenho que fazer um filme sobre o RAP”. Isso ganhou força durante minha pesquisa de doutorado, que justamente aborda a memória das quebradas e da quebrada onde vivo, das diversas manifestações culturais e do Hip-Hop.

Preparei o roteiro e conversei com uns manos. Estava pensando em mais uma vez fazer um filme de forma independente, sem grana, só a ideia na cabeça e a vontade nas mãos, contando com a ajuda do Coletivo Companhia Bueiro Aberto, que faço parte há 10 anos. Felizmente, surgiu a Lei Paulo Gustavo, uma iniciativa de fomento ao audiovisual promovida pelo Governo Federal e gerenciada por estados e municípios. Nós ganhamos o

edital, nosso primeiro filme oficialmente financiado. Foi assim que surgiu *O RAP da Vila Rio*, documentário sobre nossa memória e nosso passado, mas também sobre nosso presente e futuro porque a cultura de quebrada resiste, é a cultura popular.

Na tese IX, Walter Benjamin afirma que:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa sobre nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (Benjamin, 1994, p. 226)

O anjo da história é arrastado para o futuro pela tempestade do progresso. Sem recolher os cacos, os mortos não são vingados e a reparação não é realizada. Ele é impelido para o esquecimento que o faz acumular ainda mais ruínas, e a catástrofe única continua a se fazer presente. Poderá o anjo barrar a tempestade do progresso? Para seguir em frente, precisaremos esquecer novamente? Não encaramos o passado e ele nos assombra. Os mortos ainda querem falar, clamam por justiça, mas preferimos ignorar suas vozes silenciadas.

No processo da minha pesquisa e do filme *O rap da Vila Rio*, identifico que nós, cineastas e personagens do filme-pesquisa, somos como o anjo de que fala Walter Benjamin, cineastas-historiadores, decidimos parar o progresso, explodir o contínuo da história oficial, brechar a tempestade do progresso. Chegou o momento de recolhermos os cacos e as ruínas, de juntar os fragmentos e formar um mosaico da nossa história. Não há arquivos oficiais sobre tal memória, há escombros. Na casa de BML, um dos entrevistados no filme, encontramos os fragmentos que precisávamos para o filme e para minha pesquisa, mais de 50 gigas de material de arquivo: vídeos e fotos. Além disso, na casa dos manos, havia cadernos antigos, folhas soltas e canetas velhas, são os arquivos desviantes do historiador materialista. Diante dessa

riqueza de material, o anjo recolhe os cacos, lembra-se dos mortos, mas também dos vivos, lembra-se da dor, mostrando, como afirma Benjamin, que o estado de exceção é regra na periferia⁶, mas lembra-se também da resistência em construir uma arte periférica, uma arte de mutirão, semelhante aos tijolos-madeiras-fragmentos que ergueram nossa quebrada.

Referências Bibliográficas

ADERALDO, Guilherme André. *Reinventando a Cidade: uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais vídeo-ativistas nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Annablume. 2017.

ANDRADE, D. N. *Cinema Novo e Cinema de Quebrada: a experiência da Companhia Bueiro Aberto*. 2021, Dissertação (Mestrado em História da Arte) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRECHT, Bertold. *Poemas (1913-1956)*. Organização de Paulo Cesar Souza. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

IMAGENS indígenas (documentário-oficina). [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (14 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YNV7-RjYigg&t=269s>. Acesso em: 13 fev. 2025.

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. *A queda do céu, palavra de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Tradução de Wanda Nogueira caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

NEGRO drama. Intérpretes: Racionais MC's. Compositores: Mano Brown e Edi Rock. In: *NADA como um dia após o outro dia*. Intérpretes: Racionais MC's. [S. l.]: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs, CD 1, faixa 1.

O RAP da Vila Rio. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (29 min). Publicado pelo canal Daniel Neves Andrade. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OjSkKVnxT_Y. Acesso em: 13 fev. 2025.

⁶ Diz Benjamin (1994, p. 226): "A tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é na verdade a regra geral".

POVO lindo, povo inteligente! Trailer. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Sergio Gag. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QIF89bMz3Lw>. Acesso em: 13 fev. 2025.

RACIONAIS – vida loka II (clipe oficial – HD). [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Racionais TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fu5kcgz73TY>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SELIGMANN- SILVA. Márcio. *Decolonial, des - outrização: imaginando uma política pós - nacional e instituidora de novas subjetividades*. In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO; ASSOCIAÇÃO CULTURAL VIDEOBRASIL. 21ª Bienal de Arte Contemporânea SESC Videobrasil: Comunidades Imaginadas: Leituras. Organização de Luísa Duarte. São Paulo: Sesc: Associação Cultural Videobrasil, 2019, p. 18 - 42.

SCHLESENER, Anita Helena. Os tempos da história: leituras de Walter Benjamin. Brasília: Liber Livro, 2011.

UMA FLOR nasceu no esgoto. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Companhia Bueiro Aberto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GHM7Mw_xHc8&t=95s. Acesso em: 13 fev. 2025.